

**A BUSCA DA IDENTIDADE POR OFELIA EM *O LABIRINTO DO FAUNO* (2006):
UMA JORNADA MÍTICO-SIMBÓLICA**

**LA BÚSQUEDA DE LA IDENTIDAD POR OFELIA EN *EL LABERINTO DEL
FAUNO* (2006): UNA JORNADA MÍTICO-SIMBÓLICA**

Rodrigo de Freitas Faqueri¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo observar a busca pela identidade da personagem Ofelia na produção cinematográfica *O Labirinto do Fauno* (2006), de Guillermo del Toro, a partir dos elementos míticos e simbólicos contidos na narrativa. Com os símbolos e os elementos míticos, pretende-se mostrar a relação entre as histórias sagradas feitas pelo homem desde os tempos primordiais para significar algum acontecimento e as diversas interpretações para os sonhos e fantasias que impulsionam as primeiras tentativas de expressão discursiva do ser humano. No filme, a trama se desenvolve e ganha um novo sentido a cada novo elemento mítico-simbólico que aparece e rege a saga da menina. Para os estudos desses elementos serão utilizadas as teorias de Mircea Eliade, de Carl G. Jung e de Verena Kast amparados pelo estudo dos símbolos registrado por Chevalier e Gheerbrant em seu dicionário.

Palavras-chave: mito; símbolo; identidade; labirinto; fauno.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo observar la búsqueda por la identidad del personaje Ofelia en la producción cinematográfica *El laberinto del Fauno* (2006), de Guillermo del Toro, a partir de los elementos míticos y simbólicos contenidos en la narrativa. Con los símbolos y los elementos míticos, se pretende mostrar la relación entre las historias sagradas hechas por el hombre desde los tiempos primordiales para significar algún suceso y las diversas interpretaciones para los sueños y fantasías que impulsan los primeros intentos de expresión discursiva del ser humano. En la película, la trama se desarrolla y gana un nuevo sentido a cada nuevo elemento mítico simbólico que se presenta y rige la saga de la niña. Para los estudios de dichos elementos se utilizarán las teorías de Mircea Eliade, de Carl G. Jung y de Verena Kast amparados por el estudio de los símbolos registrado por Chevalier y Gheerbrant en su diccionario.

Palabras-clave: mito; símbolo; identidad; laberinto; fauno.

¹ Doutor em Letras com ênfase em Literatura Guatemalteca pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, tendo como tema central a estética da violência na obra de Rodrigo Rey Rosa. Participou do PDSE ofertado pela CAPES na Universidad Nacional de Costa Rica. Mestre em Letras também pela Universidade Presbiteriana Mackenzie com ênfase nas Literaturas Brasileira e Argentina, tendo como temas principais os estudos em Mito, Reatualização Mítica, Dialogismo e Hipertextualidade (2013). Graduado em Licenciatura em Letras Habilitação Port./Esp. pela mesma instituição em 2008. Atualmente é professor EBTT do IFSP - Campus Itaquaquecetuba. Possui experiência em estudos da área de Letras, com ênfase em Literaturas de Língua Portuguesa e Espanhola assim como em Estudos Culturais.

Introdução

O Labirinto do Fauno (2006), produção cinematográfica do premiado mexicano Guillermo Del Toro, traz a história de Ofelia, uma menina de treze anos que está se mudando junto com a sua mãe Carmem, para uma fazenda antiga ao norte da Espanha, em uma região fronteiriça. A mudança acontece pelo fato de que, Carmem, mãe de Ofelia, está grávida do capitão franquista Vidal, e este quer o nascimento de seu filho ao seu lado enquanto luta contra os rebeldes na fronteira. No caminho para a fazenda, Ofelia vê um inseto que ela acredita ser uma fada e, a partir desse momento, elementos e situações sobrenaturais começam a intercalar-se com a realidade, carregada de circunstâncias assoladoras, da garota.

Em *O Labirinto do Fauno* (2006), o cineasta mexicano busca retratar a luta e o drama dos republicanos considerados rebeldes pela ditadura de Francisco Franco, depois da Guerra Civil Espanhola, que ocorreu entre 1936 e 1939. Em meio a esse cenário de guerra, está Ofelia tentando sobreviver, não só no mundo real, com um padrasto que a odeia e somente a tolera por estar casado com sua mãe grávida, mas a garota também precisa resistir nesse universo maravilhoso paralelo, que a põe à prova desde o início, a fim de verificar se a menina é pertencente a este outro mundo ou não.

Assim, o filme de Del Toro, além de apresentar uma crítica à política ditatorial que existiu na Espanha no período de pós-guerra civil, agrega a essa crítica elementos sobrenaturais que possibilitam uma análise a partir da observação das funções e significados dos elementos míticos e simbólicos presentes, evidenciando também, a busca pela identidade de Ofelia entre esses dois mundos. Serão vistas figuras fundamentais que se completam e formam um círculo de significado comum e geral, apontando para a mesma direção de sentido.

Todos os símbolos, que serão analisados, giram em torno desse tema comum fundamental da história: a busca pela identidade. Eles preenchem esse tema e constroem uma atmosfera propícia para o desenvolvimento de uma narrativa ambientada em um cenário que pode ser enquadrado no maravilhoso ao lado do elemento mítico. Percebe-se o mito com a presença do fauno, um ser mitológico essencial para o surgimento e desencadeamento dos símbolos com os significados desejados. O fauno pode ser considerado o eixo central que rege as vozes simbólicas para que haja uma polifonia entre essas vozes e para que dê origem à

tentativa de expressão das forças humanas. O labirinto também será analisado como figura mítica devido a sua carga colaborativa em diversas histórias da antiguidade.

Serão analisados, primeiramente, os símbolos que fazem parte desta história e suas ligações com o destino e ações da personagem Ofelia, assim como as relações existentes entre eles. Feito isto, será descrita a função do fauno e do labirinto para o desenvolvimento da narrativa e como essas figuras coordenam os símbolos na trama, manipulando a sorte da protagonista.

Para o estudo dos símbolos e dos mitos presentes no *corpus* serão vistas e usadas as teorias de Mircea Eliade, que aborda esses dois temas partindo de uma visão que inclui os acontecimentos iniciais da criação do mundo através da Cosmogonia até as transformações dos símbolos e das narrativas míticas nas culturas das sociedades atuais, devido às necessidades de compreensão dos fatos que surgem a cada instante diante do ser humano em seu cotidiano. Para uma análise dos símbolos, relacionada com as interpretações dos sonhos e do subconsciente humano são apresentadas ideias baseadas nos fundamentos da psicoterapia junguiana segundo o próprio psiquiatra suíço e por Verena Kast.

Serão mostrados como o fauno e o labirinto exercem influência na vida da protagonista Ofelia e como o fauno, como elemento mitológico, rege e organiza cada símbolo que deve aparecer para complementar e explicar as decisões da menina.

Uma breve perspectiva teórica

Segundo Eliade (1996), os mitos e símbolos se modificam conforme as significações buscadas por cada sociedade, aumentando, assim, seus sentidos a cada etapa da evolução humana, devido à necessidade do ser humano desde os tempos primordiais em buscar respostas para os acontecimentos que ocorrem em sua vida e no mundo em que ele vive.

A função e a estrutura do mito é mostrar os modelos que são exemplos das histórias do ser humano tanto das sociedades tradicionais quanto contemporâneas, assim como todos os ritos e atividades humanas de importância: “O mito ensina-lhes as <<histórias>> primordiais, que o constituíram existencialmente, e tudo o que se relaciona com a sua existência e com o seu próprio modo de existir no Cosmos lhe interessa diretamente”. (ELIADE, 2001, p.18)

O indivíduo que acredita nos mitos e nas suas origens consegue uma maior aproximação dos valores inseridos na estrutura de sua civilização, pois os mitos são a verdadeira realidade

daquele povo e não uma simples fábula. Conhecer os mitos e conseguir decodificar os símbolos faz com que o homem assimile mais facilmente o que o mundo lhe reserva.

Pode-se dizer que o mito tem a capacidade de sanar as dúvidas da consciência, pois ele mostra modelos e justifica o cenário de criação do mundo e da existência humana. Ele proporciona a demonstração de como tudo foi feito desde a cosmogonia até o firmamento das referências socioculturais. Gusdorf (1980, p.32) atenta para um dado importante, afirmando que “[...] é preciso reconhecer que o mito não constitui um abandono puro e simples de um pensamento fabulador e gratuito análogo ao do sonho ou da poesia.”

Já com os símbolos, busca-se a representação de um conceito ou ideia de uma realidade ausente em uma determinada cultura. Nas religiões, sejam modernas ou arcaicas, pode-se encontrar a mais pura e original maneira pelas quais as partes dos símbolos estão dispostas, pois as religiões refletem a busca do ser humano em realizar-se como um ser universal e integral. Jung (1993, p. 20) aponta que “[...] uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem têm um aspecto "inconsciente" mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. [...]”.

Dessa forma, carregados de uma pluralidade de significados, os símbolos revelam um modelo independente de conhecimento e sustentam modelos culturais: “[...] é a presença das Imagens e dos símbolos que conserva as culturas ‘abertas’: a partir de qualquer cultura, [...] as situações-limite do homem são perfeitamente reveladas aos símbolos que sustentam essas culturas” (ELIADE, 1996, p.174).

Eles possuem a função de interpelar a realidade existente com base nos modelos de uma realidade oculta de cada ser humano através das emoções desencadeadas por cada um. Os símbolos não só representam algo, mas também são vivenciados por quem os projeta. Devem possuir uma ligação interna com quem os desenvolve.

Quanto à busca pela identidade e uma relação simbólica, pode-se relacionar tal ideia com o pensamento apresentado por Von Franz, no livro organizado por Jung (1993, p. 128), que “[...] julga que cada ser humano possui, originalmente, um sentimento de totalidade, isto é, um sentido poderoso e completo do *self*. E é do *self* (o si-mesmo) — a totalidade da psique — que emerge a consciência individualizada do ego à medida que o indivíduo cresce.”

É importante dizer que um símbolo não pode substituir o outro. Mesmo contendo inúmeros significados, cada símbolo possui sua função e ordem, principalmente porque estão

ligados às emoções humanas sendo objeto da arte, da história, da religião, das ideias, etc.

Apesar de serem únicos, os símbolos não podem existir isolados, pois eles devem ser usados para acrescentar uma nova qualidade ou funcionalidade a um objeto ou ato e se corresponderem entre si. Os símbolos agindo em conjunto são elementos que constroem um dialogismo entre si, pois eles dialogam e se interpõem para que existam e recebam um determinado significado.

A combinação dos símbolos mostra uma gama de significados ocasionados por eles de forma gigantesca. Não é por mera coincidência que um símbolo seja ligado a outro. No filme, a simbologia do número três, bem articulada com a simbologia da lua (cheia) e da noite, revela aspectos intrigantes e fundamentais para o desenrolar da trama.

Sendo elemento de estudo da psicanálise, conforme Kast (1997b, pp. 165-169), os símbolos estão situados na interpretação dos sonhos. Eles são necessários para que se revelem as necessidades do subconsciente humano cujas dimensões são incalculavelmente mais amplas que um dado histórico diacrônico ou sincrônico. Servem para que o homem que está condicionado aos padrões históricos saia desse molde e revele seu estado de espírito real, anterior aos momentos históricos por ele vividos. Segundo Jung (1993, p. 32), “[...] quando se deseja investigar a faculdade humana de produzir símbolos os sonhos são, comprovadamente, o material fundamental e mais acessível para isto [...]”.

Segundo Eliade (1996, pp. 8-9), as grandes criações simbólicas e míticas derivam dos pensamentos mais profundos que ajudam aos seres humanos a ficarem livres da realidade histórica e se propagarem em uma realidade completada por seus símbolos e mitos.

Na História da humanidade, encontram-se exemplos de que os símbolos e mitos parecem ser eliminados, principalmente pelo homem moderno, mas, na realidade, eles estão camuflados pela imaginação desses que pensam somente nos fatos históricos. Em *O Labirinto do Fauno* (2006), a melodia cantada por Mercedes para Ofelia em determinadas cenas do filme é um exemplo dessa imaginação enraizada no simbolismo e nos mitos.

As diversas culturas mundiais estão relacionadas aos símbolos encontrados em cada uma e não com as estruturas históricas delas, pois estas estruturas são limitadas. A universalidade dos símbolos faz com que as culturas de todo o mundo possuam um elo, tornando possível uma comparação entre elas e, assim, perceber como os símbolos são vividos e valorizados nelas.

Neste artigo, conforme os estudos de Kast (1997b, p. 20) e Eliade (1996, pp. 23-25), o

símbolo se enquadra exatamente na expressão das forças (os sonhos, os devaneios, as imagens de lembranças e desejos) que impulsionam o ser humano a se expressar no mundo histórico (ou real). Para Pimentel (2002, p. 65), o símbolo seria a realidade ausente representada pelos sonhos e a tentativa de expressão dos mesmos e o mito seria a forma de expressão da realidade:

O narrador, utilizando a fantasia e os símbolos oníricos e míticos, cria uma nova realidade, objetivando um mergulho no inconsciente humano, debatendo problemas existenciais, partindo, também, para questionamentos sociais, políticos e econômicos, transformando a obra em um estranho jogo: eliminam-se barreiras de tempo e espaço; confundem-se o lógico e o ilógico, a fantasia do narrador penetra em novas dimensões, criando uma contínua atmosfera de surpresas para o leitor, pelo aproveitamento de temas ora metafísicos, trágicos; ora enigmáticos, lúdicos, irônicos. (PIMENTEL, 2002, p. 65)

Assim, a autora reforça a ideia de que os símbolos ajudam na construção de um debate da realidade e dos problemas sociais enfrentados, como é o caso da narrativa fílmica a ser analisada neste estudo. Del Toro utiliza-se da construção de um universo onírico para possibilitar a discussão, por meio dos mitos e símbolos, da realidade sofrida pela população espanhola durante o início da ditadura franquista. Usufrui-se, dessa forma, do conhecimento sobre as questões simbólicas e míticas para criar um novo mundo e discutir assuntos recorrentes na realidade, não distinguindo mais os invólucros do tempo e do espaço que revestem as leis naturais a fim de mostrar que, independente do universo que seja posto como cenário, a crítica social estará presente e será mola propulsora de questionamentos em diversos âmbitos.

Os elementos míticos e simbólicos na busca pela identidade de Ofelia

Em *O Labirinto do Fauno* (2006), Ofelia põe os dois mundos lado a lado e os vive ao mesmo tempo, desejando viver mais no mundo imaginário, pois as dificuldades e problemas que existem em seu mundo real fazem com que ela deseje sair dele. As lutas entre rebeldes e o exército, o padrasto cruel e insensível e uma mãe que, apesar de amá-la, não a compreende, alimentam a vontade da menina em querer ser uma princesa. No reino subterrâneo, Ofelia não seria mais uma menina que sofre por causa de questões políticas e sociais. Ela viveria em paz, governando o seu mundo juntamente com seus pais.

Com isso, o primeiro símbolo a ser analisado é justamente o que se apresenta à garota primeiro: a fada, um dos seres mais antigos, e que está presente em muitas histórias, sejam esses seres representantes do bem ou do mal. Normalmente, elas são relacionadas ao lado benéfico

da procura humana para realizar os seus desejos e sonhos. Nas histórias infantis, as fadas são as protetoras das crianças contra seres perversos ou almas penadas. Já nas lendas irlandesas, as fadas são as criaturas que roubam o coração do homem que fica apaixonado por elas. Para começar esta análise, cabe a seguinte definição:

Mestra da magia, a fada simboliza os poderes paranormais do espírito ou as capacidades mágicas da imaginação. Ela opera as mais extraordinárias transformações e, num instante, satisfaz ou decepciona os mais ambiciosos desejos. Talvez por isso ela represente a capacidade que o homem possui para construir, na imaginação, os projetos que não pôde realizar. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p. 415).

A capacidade mágica desta figura é um dos pontos que deve ser levado em consideração, pois as fadas que aparecem no filme possuem o poder de se transformarem em insetos ou de adquirir a forma que desejarem. Quando a protagonista está indo para a fazenda acompanhada de sua mãe, no meio do caminho, ela encontra um inseto e acredita que este seja uma fada. Ao chegar à fazenda, ela reencontra o inseto e depois, à noite, ele se transforma em uma fada idêntica à da figura do livro de Ofelia.



Fada em forma de inseto. Ao olhar a figura no livro de Ofelia, ela adquire a fisionomia da fada representada nas histórias que a menina lê. Fonte: Del Toro, 2006.

Na produção de Del Toro, as fadas não possuem características físicas humanas tão marcantes e iguais como outras fadas representadas em outras histórias. Suas fisionomias são

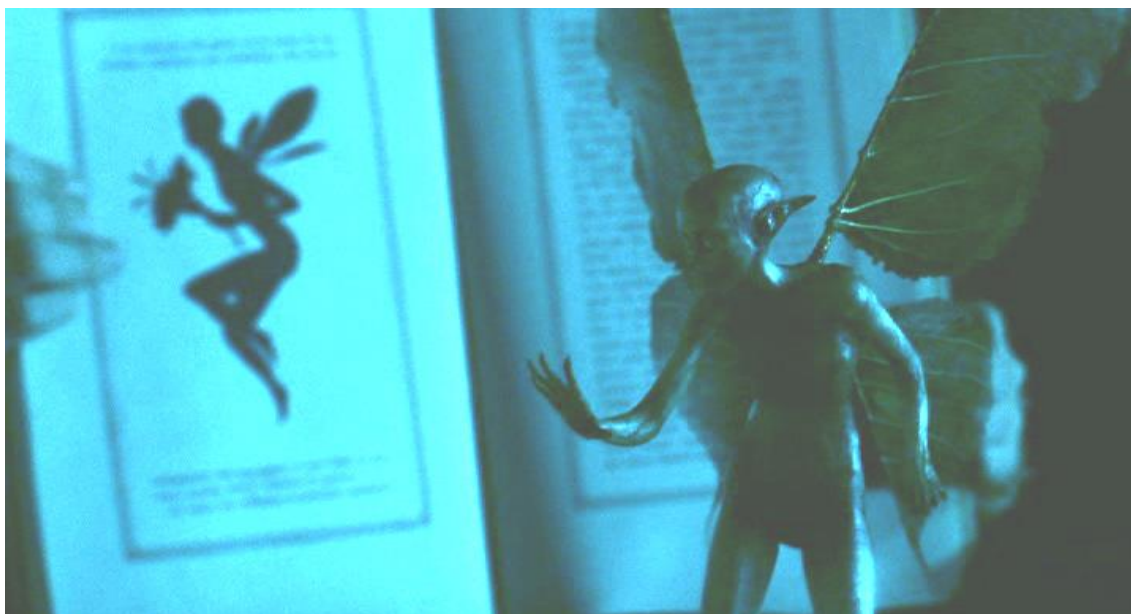
mais semelhantes a uma mistura entre uma figura humana e um inseto. As asas dessas fadas, curiosamente, se assemelham a folhas. Neste ponto, é interessante destacar a fala de Jung (1993, pp. 32-33) para a profusão de pensamentos e sobre a memória: “[...] Parte do inconsciente consiste, portanto, de uma profusão de pensamentos, imagens e impressões provisoriamente ocultos e que, apesar de terem sido perdidos, continuam a influenciar nossas mentes conscientes. [...]”.

Assim, pode-se analisar o pensamento de Ofelia em considerar a princípio aquele inseto como uma fada do mundo subterrâneo. Suas leituras anteriores sobre esses universos fazem parte de sua memória e, mesmo estando inicialmente esquecidos, são recuperados em algum momento.

A primeira fada que a menina encontra possui asas que parecem folhas finas de árvores e preserva a cor verde do inseto que era antes de se transformar. Em outra cena, essa fada verde aparece ao lado do fauno comendo um pedaço de carne. Outras duas fadas também possuem asas como se fossem folhas finas, porém as cores de seus corpos são vermelho e azul. Além disso, essas duas outras fadas não aparecem no filme se transformando em inseto ou outra forma de vida. Elas já aparecem com a fisionomia de fada desde sua primeira cena.

A mistura de elementos torna a aparência das fadas um pouco assustadora. Talvez essa mescla entre as três formas de vida simbolize uma incerteza sobre os acontecimentos que ocorrem com Ofelia ou represente uma fragmentação da imaginação confusa da garota, que passa por momentos difíceis em sua vida por causa da gravidez de sua mãe e o ambiente de guerra em que vive.

As fadas, na história, possuem a função de guiar a menina pelas tarefas, as quais ela deve cumprir, e ajudá-la a seguir o caminho correto entre todos os perigos. Também servem de informantes para o fauno dos acontecimentos que se passam com a garota para que ela recupere sua essência de princesa. Junto com o fauno, pode-se dizer que elas são guardiãs do portal que leva ao mundo subterrâneo.



Após ver o desenho de uma fada, o inseto adquire a forma da fada que está pintada no livro, porém ainda conserva traços que não são humanos, como as asas que parecem folhas. Fonte: Del Toro, 2006.

A quantidade de fadas que aparece na produção cinematográfica também impulsiona o desenvolvimento desta análise e faz com que esses seres ganhem outros significados ao lado de outros símbolos. São três fadas que acompanham Ofelia na trama e podem ser relacionadas com as fases da vida humana: “[...] Em geral reunidas em grupos de três, as fadas puxam do fuso o fio do destino humano, [...] O ritmo ternário, característico de suas atividades, é o ritmo da própria vida: juventude, maturidade e velhice; [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p. 415).

No filme, enquanto a protagonista fugia, duas das três fadas são devoradas pelo Homem Pálido, ser que habita o lugar onde a menina deve buscar a adaga na segunda prova. Com esse fato relacionado ao significado dado às fadas acima, pode-se dizer que duas fases da vida de Ofelia também foram destruídas, pois a garota é morta antes mesmo de conseguir alcançar a maturidade e a velhice, sua vida para na primeira fase que é a juventude ou, em uma tradução mais direcionada ao *corpus*, a infância. Porém, quando Ofelia morre e, enfim, consegue retornar ao mundo subterrâneo, as duas fadas que foram devoradas reaparecem junto com a fada sobrevivente ao lado do fauno. Esse retorno pode significar que também ressurgem as duas fases mortas da menina (a maturidade e a velhice), pois no mundo subterrâneo a menina voltaria a ser princesa e seguiria a sua vida ao lado dos seus pais, governando o reino.

Em *o Labirinto do Fauno* (2006), outra figura simbólica é a lua. A sua presença confirma o sentido inicial de buscar uma identidade mágica para Ofelia, pois a menina é considerada a princesa da lua, possuindo uma marca em seu ombro esquerdo com esta imagem. Também ela é fundamental para o desenvolvimento da narrativa, porque, para provar que é realmente a princesa, a protagonista terá até a noite de lua cheia para cumprir suas tarefas. Para Chevalier e Gheerbrant (2003, p. 561), a lua simboliza um processo de renovação cíclica para a mulher: “[...] ela simboliza a dependência e o princípio feminino, assim como a periodicidade e a renovação. Nessa dupla qualificação, ela é símbolo de transformação e de crescimento”.

Assim como as fadas, a lua também possui um ritmo ternário em que ela é visível aos olhos humanos, pois na sua quarta fase a lua desaparece completamente e somente retorna após alguns dias, geralmente três dias. Compara-se, então, as três fases em que a lua brilha – crescente, cheia e minguante – com as três fases da vida de uma pessoa: a juventude, a maturidade e a velhice. A quarta fase que a lua não é visível seria a representação da morte. A lua, assim, representa também a passagem da vida para a morte que é esperada pelo homem, sempre em uma movimentação cíclica: “[...] A Lua é para o homem o símbolo desta passagem da vida à morte e da morte à vida; ela é até considerada, entre muitos povos, como o lugar dessa passagem, a exemplo dos lugares subterrâneos”. [...] (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p. 562).

Além de um símbolo circular, pode-se notar que a lua é considerada um elemento de entrada para algum lugar, preferencialmente lugares subterrâneos. Relaciona-se este fato ao reino subterrâneo buscado por Ofelia, pois ao ser considerada a princesa Moanna, filha da lua, teria que ter a lua em seu ombro para ingressar no mundo secreto.

Outra análise possível em relação à quarta fase lunar, que representa a morte, seria afirmar que Ofelia teria que, obrigatoriamente, morrer para voltar ao seu mundo. Observando o calendário lunar, que possui vinte e oito dias, percebe-se que a fase cheia (noite em que Ofelia morre) e a fase nova (época de desaparecimento da lua) estariam uma diante da outra, tendo a Terra entre elas, ou seja, enquanto um lado do mundo presencia uma das fases referentes à vida, o outro lado estaria voltado à escuridão e à morte.

Colocando a Terra e o reino subterrâneo em oposição, porque um seria a realidade e o outro seria a imaginação e a fantasia, Ofelia tem que morrer para entrar no seu mundo, porque a lua nova está no céu dele. Ela só poderia entrar no outro mundo, quando na Terra fosse lua cheia e nele fosse lua nova, porque esta representa a morte e não a vida. Assim, o sentido geral

de passagem para outros lugares por meio do surgimento de uma das fases lunares é enriquecido com a simbologia da vida e da morte. Para Jung (1993, p. 55), “[...] os símbolos não ocorrem apenas nos sonhos; aparecem em todos os tipos de manifestações psíquicas. Existem pensamentos e sentimentos simbólicos, situações e atos simbólicos. Parece mesmo que, muitas vezes, objetos inanimados cooperam com o inconsciente criando formas simbólicas. [...]”. Essa ideia do psicoterapeuta aumenta as possibilidades de análises sobre esse elemento simbólico e reforça sua presença na produção de Del Toro.



Ofelia observa pelo espelho a lua marcada em seu ombro esquerdo como o fauno havia dito. Essa marca afirma a história contada pelo animal mitológico à menina. Ela é a princesa Moanna. Fonte: Del Toro, 2006.

A manifestação da lua em Ofelia está em seu ombro esquerdo que somente a ela é visível. A lua também aparece na noite da morte da garota como chave da passagem para o reino subterrâneo. Confirma-se, então, que a menina é a filha do rei do mundo subterrâneo que fugiu há muitos anos pela presença da lua em momentos importantes para a vida da garota.

Como representação simbólica voltada para a significação e interpretação do interior humano, a lua ganha mais figurações nesta produção cinematográfica, pois ela capta a imersão profunda do ser humano dentro de suas origens psíquicas, que é relativa à esfera comportamental do indivíduo. Ela simboliza os processos que estão na base subjetiva e na maneira de proceder do homem, e têm ligações com a percepção, o pensamento, a lembrança, a sensibilidade, a motivação, entre outros:

A busca da identidade por Ofelia em *o Labirinto do fauno* (2006): uma jornada mítico-simbólica

[...] Simboliza o princípio passivo, mas fecundo, a noite, a umidade, o subconsciente, a imaginação, o psiquismo, o sonho, a receptividade, a mulher e tudo que é instável, transitório e influenciável, por analogia com seu papel de refletor da luz solar. [...].

[...] A zona lunar da personalidade é esta zona noturna, inconsciente, crepuscular de nossos tropismos, de nossos impulsos instintivos. É a parte do *primitivo* que dormita em nós, vivaz ainda no sono, nos sonhos, nas fantasias, na imaginação, e que modela nossa sensibilidade profunda. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p. 564).

Ofelia está buscando exatamente isso: suas origens interiores, a fim de retornar para o seu mundo. Essa busca representa não só a volta às origens territoriais, mas também simboliza a procura da sua identidade humana. Sendo a princesa da lua, a garota leva essa simbologia marcada fortemente em sua vida.

A questão do consciente procurado e as formações psíquicas, ademais de serem qualificações da lua, são significados pertencentes a outro símbolo: *a noite*. A lua nada mais é que uma parte integrante deste símbolo, pois a chegada da noite representa a purificação do conhecimento e da mente, mas também é a representação do indeterminado e do oculto, em que seres e ideias tenebrosas são apresentados:

[...] Ela é a imagem do inconsciente e, no sono da noite, o inconsciente se libera. [...] Na teologia mística, a **noite** simboliza o desaparecimento de todo conhecimento distinto, analítico, exprimível; mais ainda, a privação de toda evidência e de todo suporte psicológico. Em outras, como **obscuridade**, a noite convém à purificação da memória, [...] (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p. 640).

A noite purifica a memória de Ofelia para que ela possa entrar no reino subterrâneo, pois a sua memória humana deveria ser esquecida e a mágica vir à tona. Na noite de lua cheia, todos os elementos conspiram a favor da volta da garota como princesa para seu mundo: a lua como elemento de passagem e a noite como purificador da alma da princesa. Para completar a simbologia da cena em que a menina morre, surge um terceiro símbolo: o sangue de um inocente, que é necessário para abrir o portal que leva ao mundo subterrâneo. Representando a vida e todos os valores nobres e generosos que constituem a existência de um ser vivo, o sangue é o elemento correspondente ao calor vital e que afeta o corpo.

Assim, com o sangue, completa-se o ciclo de elementos que movimentam a noite da morte da menina. A lua, a noite e o sangue, em conjunto, contribuem para o funcionamento dos plurissignificados simbólicos e para a propagação das vozes simbólicas, pois nenhum símbolo substitui outro símbolo. Eles devem existir juntos, dando maiores possibilidades de

interpretações para suas presenças dentro de uma história. Os símbolos agindo em conjunto são elementos que constroem um dialogismo entre si, pois eles interagem e se interpõem para que surja determinado significado.

Outros dois símbolos aparecem nessa narrativa fílmica: primeira tarefa da protagonista, para retornar ao reino subterrâneo é enfrentar um sapo gigantesco que está vivendo dentro de uma antiga figueira do bosque da fazenda. Para isso, o fauno lhe dá três pedras âmbar e uma obra intitulada o livro das encruzilhadas. Ela deve matar o sapo fazendo com que ele coma as três pedras. O livro é dado para Ofelia como um guia de como agir e por onde deve seguir no momento das três tarefas.

A figueira antes era uma árvore linda e cheia de frutos, porém, quando o sapo começou a viver dentro dela e a se alimentar dos insetos que existem dentro da árvore, ela secou. Tanto o sapo quanto a figueira são figuras simbólicas que acrescentam a ideia de propagação das vozes simbólicas por meio das diversas significações que elas ganham devido à sua união.

O sapo, segundo Chevalier e Gheerbrant, está relacionado à morte e ao ser maligno presente na Terra e, em algumas histórias, é a representação do próprio demônio. Ao lado da interpretação da quarta fase lunar, ele é destinado à figuração dos mortos e se opõe à representação da figura da rã, que significa ressurreição. Seu olhar penetrante e fixo faz com o que o sapo denote a insensibilidade à luz. Os chineses classificam o sapo como o ser de natureza divina que vive na Lua. Para uma tribo africana, o sapo é exatamente o exemplo da morte: “[...] para os pigmeus bambutis, o sapo seria um *espírito maléfico*, responsável pelo fato de a morte instalar-se na terra. [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p.804).

No filme, o sapo possui exatamente essa característica de um ser prejudicial, que é responsável pela morte. O motivo de a figueira ter secado é a presença deste ser dentro dela. Matar o sapo é a única solução possível para que a árvore volte a ser frutífera e cheia de vida como antigamente. Aliás, a morte do sapo, segundo os chineses, ocasiona um fenômeno natural fertilizador da terra, que é a chuva. Para esse povo milenar, quando um sapo velho seca, ele chama a chuva para a região em que ele foi morto. Assim, elimina-se o espírito perverso daquele lugar para que haja uma fertilização e retorne a vida para aquela região.

Quando a garota mata o sapo dentro da figueira, após sair da árvore, começa a chover no bosque. No filme, essa chuva significa exatamente a purificação e a restauração do bosque, pois o animal que prejudicava aquela natureza antes fértil foi morto. No fim da história, a figueira é mostrada com vida e com uma flor brotando de um de seus galhos, representando o

seu renascimento.

A imagem da figueira simboliza a fecundidade e a abundância. Ela é classificada, juntamente com a videira e oliveira, como a árvore frutífera que une a terra ao céu; a árvore do mundo que simboliza a vida. Assim como o salgueiro, ela é qualificada como a árvore da imortalidade e da sabedoria:

[...] Essa árvore simboliza também a imortalidade e o conhecimento superior: era a árvore favorita do Buda, sob a qual ele gostava de ficar, quando ensinava a seus discípulos. A figueira, assim como o salgueiro, simboliza a imortalidade, e não a longa vida, pois, para os chineses, a imortalidade não pode ser concebida senão através do espírito e do conhecimento. [...] (CHEVALEIR; GHEERBRANT, 2003, p. 428).

Entretanto, ela leva a classificação de árvore do mal se vista com um aspecto negativo. Pode-se dizer que se habitada por um ser do mal, no caso, o sapo, a figueira também terá suas características prejudiciais. Somente com a morte do sapo, ela pode retornar à qualidade de árvore do bem. Percebe-se, neste caso, a influência de um símbolo em outro, mudando o sentido inicial de um para criar uma significação nova devido às circunstâncias de extensão do tema proposto pelo criador da história.

Como foi dito anteriormente, os símbolos em conjunto conseguem um maior campo de significações, a partir da relação entre eles. A figueira possui dois significados que levam a classificá-la como um elemento duplo: ela simboliza tanto a imortalidade e a vida quanto simboliza a morte e o mal. A sua significação dependerá dos outros elementos simbólicos que a acompanham. No caso de *O Labirinto do fauno* (2006), o símbolo que está ligado à figueira é o sapo, animal considerado representante do mal na Terra. Assim, ela também ganhará uma significação maléfica. Somente quando o sapo é morto que a figueira perde sua característica prejudicial e se torna um elemento simbólico que representa a vida e a imortalidade.

Outros dois elementos simbólicos são as três pedras de âmbar e o livro das encruzilhadas, ambos dados pelo fauno antes da primeira prova. A grande característica simbólica dos dois não é porque são pedras ou porque é um livro, mas essas figuras recebem um novo significado quando são descritas como pedras de âmbar e o livro das encruzilhadas.

Ao dar o livro para a garota, o fauno afirma que aquele livro a guiará e mostrará qual caminho a garota deve seguir em seu futuro. Esta é a significação principal das encruzilhadas: “A importância simbólica da encruzilhada é universal. Liga-se à situação de cruzamento de

caminhos que a converte em uma espécie de centro do mundo. [...]” (CHEVALEIR; GHEERBRANT, 2003, p. 367). Essa ideia se direciona à protagonista do filme, pois ela está buscando os caminhos que a levem para seu reino subterrâneo.

Todas as ações de Ofelia giram em torno da busca para o caminho correto, que a fará retornar ao seu reino. O livro das encruzilhadas comprova isso, pois com ele, a menina poderá saber quais decisões tomar. Ele será seu guia no mundo real para entrar no mundo mágico. A ligação entre os caminhos se dá pelo fato de a protagonista percorrer lugares que podem ser qualificados tanto como mágicos ou como reais, sem nenhuma característica simbólica a princípio. Um exemplo é a própria figueira antes comentada, pois a figueira não passa de uma árvore, porém, quando sua morte é ocasionada por um ser que representa o mal e habita em seu interior, seus caminhos mágicos e mitológicos aparecem e se entrecruzam com os caminhos comuns.

A presença do livro das encruzilhadas também é importante porque estes caminhos significam um lugar de passagem de um mundo a outro, e também da vida para a morte. As encruzilhadas estão ligadas ao simbolismo da lua, que também pode representar um elemento propício para a entrada em outros lugares. Esses lugares de passagem preenchem a história de Ofelia do início ao fim, sempre se relacionando à ideia da busca da garota por outro mundo onde ela é uma princesa.

A encruzilhada representa o encontro com o destino e, ao abrir tal livro, Ofelia encontra seu destino e não poderá mais fugir dele porque ela o escolheu ao aceitar este artefato dado pelo fauno: “[...] Cada ser humano é, em si mesmo, uma encruzilhada onde se cruzam e se debatem os aspectos diversos de sua pessoa. [...]” (CHEVALEIR; GHEERBRANT, 2003, p. 368).

Além do encontro com o futuro inevitável, as encruzilhadas mostram as reações do ser humano diante daquilo que é desconhecido. Revela a preocupação com um encontro importante que é fundamental para o prosseguimento da vida. As decisões que o homem deve tomar diante de novas circunstâncias podem ser representadas pelo o cruzamento dos caminhos em uma encruzilhada.

Por isso, a busca pela verdadeira identidade de Ofelia é a ideia principal que movimenta os símbolos no filme e fazem das encruzilhadas parte constituinte deste sentido comum e complementam os outros símbolos com as suas significações.

Já o âmbar é um símbolo que está totalmente relacionado à transmissão de energia, seja por corrente elétrica, seja pela propagação da energia no âmbito espiritual. Desde os tempos

primordiais, ele é colocado em amuletos, correntes, ornamentos e estátuas para a proteção contra alguns seres que vivem na escuridão. A cor âmbar é originada da ligação entre o amarelo e o negro. Esta derivação sugere a relação entre luz e a sombra. Quanto à sua composição material, uma pedra de âmbar se origina do fóssil de vegetais que morreram há muitos anos e constituíram esta resina de cor peculiar.

No filme, três pedras de âmbar são dadas para que Ofelia mate o sapo. Colocá-las na boca do sapo é necessário para que elas possam descarregar a energia guardada e, assim, eliminar o mal que está dentro da árvore. Por ser o sapo um elemento maléfico e prejudicial, a energia que as pedras de âmbar desferem nele está direcionada para o bem. A única forma de matar o sapo seria com um elemento que fosse constituído com uma energia positiva que, ao primeiro contato com o inimigo, fosse descarregada.

As três pedras de âmbar não podem fazer mal à Ofelia porque ela possui um coração puro e uma alma nobre e as pedras representam o bem. Olhando o âmbar como elemento psíquico, encontram-se as seguintes interpretações: “[...] O âmbar representa o fio psíquico que liga a energia individual à energia cósmica, a alma individual à alma universal. Simboliza a atração solar, espiritual e divina. [...] O elo estabelecido pelo âmbar é de ordem espiritual”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p. 43)

Pode-se dizer que a energia das pedras de âmbar está ligada à energia espiritual de Ofelia e, por esse motivo, não lhe fazem mal algum. As pedras foram dadas pelo fauno que representa o universo cósmico e mágico de onde a princesa Moanna fugiu há muitos anos. A energia guardada nelas não pode ser prejudicial à Ofelia, pois a menina é do mesmo mundo que as pedras. Somente se a garota tivesse perdido a sua essência real as pedras lhe fariam mal. Reforça-se, com este símbolo, a ideia de que cada figura simbólica deve ter uma ligação interna com quem a cria ou recebe, pois, caso contrário, o símbolo seria rejeitado ou não seria percebido com suas características mágicas e sobrenaturais, seria mais um elemento comum integrante da narrativa.

De todos os símbolos observados até aqui, o elemento a seguir se organiza tanto como figura simbólica quanto exemplificação mitológica, pois suas formas de expressão vêm dos tempos primordiais e seguiram pelas sociedades da antiguidade possuindo os mesmos significados, com algumas modificações, mas sempre reservando em sua imagem a essência inicial.

O labirinto é igualmente símbolo e elemento mítico, que se completa e dialoga com os outros símbolos a fim de significar a busca de Ofelia pela identidade sobrenatural. Os mitos incluem essa construção arquitetônica simbólica desde os tempos mais antigos, em que se encontram cinco grandes labirintos registrados: o primeiro está no Egito, situado no Lago Moeris; o segundo e o terceiro na ilha de Creta, de Cnossos e de Gortyna; o quarto é o labirinto grego da ilha de Lemnos e o último seria o labirinto etrusco de Clausium. Para esses povos antigos, a construção dos labirintos tinha a função de proteger a cidade dos espíritos maléficos que pudessem entrar na cidade. Eles serviam muito mais para enganar e prender seres sobrenaturais que propriamente pessoas. O plano de defesa do labirinto sempre esteve voltado para as questões espirituais. Biedermann (1994, pp. 209- 210) mostra vários exemplos do labirinto como elemento mítico por possuir uma funcionalidade simbólica desde os tempos antigos até as épocas mais atuais.

Todos os exemplos dados pelo autor se referem à religião ou a fatos heroicos de cada um dos povos. São histórias que sobreviveram devido à sua importância para cada povo e cultura mencionados. Elas são histórias sagradas porque refletem fatos verdadeiros que ocorreram em outros tempos. Tanto a luta de Teseu com o Minotauro quanto a peregrinação dos fiéis pelo caminho santo são histórias reais para a população mundial e fazem com que a cultura de suas sociedades seja cristalizada no tempo.

Os labirintos são representados em muitas figuras arquitetônicas nos tempos medievais. A Catedral de Chartres, datada de 1220, possui um labirinto em seu centro que significa a peregrinação à Terra Santa. A figura mostra a luta do fiel em conseguir achar o centro espiritual e puro dentro de si para alcançar o céu².

Somente os iniciados, aqueles que eram escolhidos e conheciam os planos dos labirintos, conseguiam chegar até o centro do labirinto e regressar sem se perder. Quem não fosse uma dessas pessoas ficaria perdido entre os caminhos dos labirintos para sempre. Por isso que Eliade (apud CIRLOT, 1984, p. 330) classifica os labirintos como um ritual iniciático³ sagrado, de total realidade e de imortalidade, sendo um elemento crucial para proteger o centro,

² Imagem disponível em:

www.math.nus.edu.sg/aslaksen/gemprojects/maa/Interview_with_the_Minotaur/Chartres_Cathedral.gif. Acesso em 15/04/2020.

³ Esse caráter iniciático do labirinto significa o início da busca do ser humano em descobrir o seu centro físico e espiritual. Como ritual iniciático o labirinto se reporta à ideia de um momento sagrado para o homem se purificar de todo mal que está em seu corpo. O labirinto é o símbolo que representa o início da purificação por meio de caminhos confusos e desconhecidos por aquele que o irá percorrer.

seja este o centro espiritual do homem, seja o físico.

No filme, o labirinto é datado de uma época anterior à construção da fazenda em que estão vivendo Ofelia e toda sua família. A princípio, ele parece ser uma construção velha e sem significado, porém ele é o último portal existente na Terra para que a princesa Moanna possa retornar ao seu reino. No interior desse labirinto, quando Ofelia vai ao encontro do fauno, percebe-se um labirinto com características idênticas ao esculpido no chão da Catedral de Chartres. Ambos possuem onze caminhos que cercam o centro do labirinto. Os caminhos são arredondados, porém criam formas retangulares se dois caminhos forem unidos. Tem-se, assim, uma correlação entre um elemento mítico-religioso⁴ da cultura ocidental-cristã, representando a peregrinação dos fiéis e também uma visão simbólica do homem em busca de seu centro espiritual com o portal em forma de labirinto no filme. O portal deve ser representado como um labirinto, pois ele serve de elemento qualificatório, deixando somente aquela que possui a essência pura e nobre de princesa retornar ao reino subterrâneo. Além de portal, o labirinto serve de proteção para o mundo mágico contra os seres malignos que queiram entrar ali. Sua presença é fundamental para que o outro mundo seja preservado.

Em uma visão simbólica direcionada à protagonista Ofelia, o labirinto representa a busca pelo centro do interior humano, a uma espécie de essência íntima escondida e guardada, na qual está adormecida uma vida desconhecida pelo ser humano. Os caminhos do inconsciente são percorridos e desvendados pela consciência humana, assim como os caminhos que são explorados nos labirintos até o centro pelo escolhido.

Segundo Biedermann (1994, p. 210), na época do Barroco e do Rococó, os labirintos, inicialmente com suas formas simples, se transformam em jardins labirínticos que foram edificadas com cercas de arbustos vivos geometricamente organizados e podados, com a função de confundir os visitantes desses lugares. No centro do labirinto, encontra-se a unidade completa e perfeita do ser, que foi perdida com os anseios humanos. Nele, existe o momento restaurador da essência desfigurada pela materialidade humana. Esse ponto pode ser renovado porque o labirinto é restrito a ele mesmo e aos seus componentes interiores, distinto da natureza, que possui infinitas aberturas para a realização da vida.

⁴ O labirinto pode ser considerado como um elemento mítico-religioso, quando se refere à busca dos peregrinos pela Terra Santa. Ele é mítico porque representa uma história sagrada e verdadeira de uma sociedade e também se encaixa no contexto religioso porque a história em que ele está presente é divulgada por pessoas ligadas à religiosidade ocidental.

No labirinto de Chartres, o centro é uma flor com seis pétalas apontadas para os caminhos que levam ao espaço central. Essa representação rosácea confere-se na disposição e no florescimento da energia nas pétalas da flor para os caminhos do labirinto. Comparada a uma mandala incompleta, figura formada por traços geométricos que é utilizada como objeto ritualístico e ponto focal para meditação em várias religiões, o labirinto simboliza o elemento feminino fundamentado na esperança de salvação da alma por meio da meditação e da concentração.



Ofelia no centro do labirinto guardado pelo fauno. Ao seu lado, o labirinto idêntico ao que está na Catedral de Chartres. No centro, ao invés da flor de seis pétalas, tem-se uma pedra com as figuras do fauno, da menina e do bebê. Fonte: Del Toro, 2006.

Ofelia busca o centro do labirinto como refúgio contra o Capitão Vidal e também para que se restaure sua verdadeira identidade. Quando ela nega o sangue do irmão, a proteção do labirinto é quebrada e o capitão a mata. Sua escolha, porém, elimina sua existência humana e favorece a libertação de seus valores mágicos aprisionados dentro de seu corpo humano. A salvação é alcançada com a morte do espírito humano.

Assim, o labirinto faz parte das duas naturezas abordadas nesta análise. A realidade que é transmitida e materializada nas histórias sagradas de muitos povos e também pela sua representação simbólica que o torna uma expressão das forças humanas e dos princípios espirituais.

Por fim, o último elemento constituinte desta análise, possui características de um ser mitológico e propagador das culturas antigas, principalmente da cultura romana. Sua função no

filme é de organizar os outros símbolos já mostrados anteriormente e fornecê-los conforme a narrativa da história tem de suprir suas necessidades interpretativas.

O fauno é uma figura mitológica que rege os símbolos dentro do filme, pois os fornece conforme as tarefas que Ofelia terá de realizar. Direta ou indiretamente, todos os símbolos aparecem porque o fauno os citou ou algum objeto dado por ele fez com que se chegasse até essa outra figura simbólica. Cada símbolo engendrado por ele torna o *corpus* em contato constante com as narrativas primordiais e seus rituais simbólicos e religiosos.



Ofelia e o fauno no labirinto. Ele representa toda a vida existente no mundo em seu corpo. Fonte: Del Toro, 2006.

Representante da mitologia romana, o fauno é considerado o deus dos rebanhos e dos pastores. Ele é confundido com o deus grego Pã, que também guardava os rebanhos e seus pastores, porém é representado como um homem barbado, coroado de folhagens e recoberto apenas por pele de animal, levando em uma das mãos uma cornucópia. Por esse motivo, o fauno é retratado, às vezes, com uma flauta nas mãos: a flauta de Pã. Algumas histórias antigas colocam o fauno como o servo do deus Pã.

Apesar de ser considerado um deus, ele não é visto como um ser divino e imortal, mas sim suscetível à morte. Sua fisionomia é a de característica humana e animal, sendo a metade superior do corpo com formas humanas e a parte inferior com feitiço de bode. Sua figura está relacionada com a natureza e com os animais. Aparenta ser um indivíduo pacífico, digno e nobre, ainda que tenha uma aparência física animalesca. Também é considerado fiel e leal aos seus amigos e companheiros de batalha.

Na produção cinematográfica, o fauno parece ser mais do que metade homem e metade animal. Ele representa o mundo dentro dele, todos os elementos naturais da Terra estão inseridos em sua aparência. Quando ele se descreve para Ofelia, ele diz que seu nome somente os ventos, as montanhas e os campos, as árvores e os animais podem pronunciar. Ao longo dos anos ele pode ter sofrido modificações em sua fisionomia, porém todos os elementos naturais da Terra o reconhecem independente da sua fisionomia.

Toda existência de vida no mundo é mostrada neste ser mitológico. Ele é a representação do início cosmogônico do mundo fundido em um só elemento, em um só ser, pois são unidos neste ser todo tipo de existência, que se modificou com o tempo, mas que continuou presente no mundo na essência que o fauno representa. O fauno engloba a realidade do ser primitivo em suas histórias sagradas, que mostram a verdade para uma sociedade e relatam os acontecimentos da criação do mundo, e atualiza os elementos que compõem a narrativa mitológica em que ele está presente.

Todos os elementos simbólicos fazem parte de alguma natureza, seja animal, mineral ou vegetal. Somente um ser que possui todas essas formas de vida agregadas dentro de si pode ser capaz de controlar todas as figuras simbólicas e, assim como o labirinto que guarda e protege o reino subterrâneo, o fauno é o guardião da princesa Moanna.

O dom da profecia também é uma das qualidades que o fauno possui como um ser mitológico e divino. No filme, a profecia, de que Ofelia é a princesa perdida, aparece na primeira cena em que ele se encontra com a garota. Mesmo sem conhecê-la, acredita que ela seja a pequena princesa fugitiva.

Sem o fauno, as vozes simbólicas não poderiam aparecer, pois não haveria nenhum elemento humano capaz de fornecê-las da maneira correta para representar a busca pela identidade por Ofelia. Ele é o fio condutor dessas vozes e desses mundos. No fauno, está a união de dois seres, o homem e o animal, que torna essa figura um ser sobrenatural e também mítico. Por isso ele pode ser considerado o elo entre um mundo e o outro, pois ele possui as duas naturezas. Cada símbolo é dado pelo fauno em um momento adequado para que se cumpram as provas e Ofelia alcance a excelência de um ser sobrenatural, assim como esta figura mitológica.

Considerações Finais

Com este estudo, foi possível observar que, em *O Labirinto do Fauno* (2006), os elementos simbólicos e míticos constituem os valores inseridos na estrutura das civilizações e sanam as dúvidas da consciência, pois mostram moldes e justificam o cenário da criação do mundo e da existência humana e colocam-se como uma ignição para o surgimento do pensamento e da fundação das ideias em comum. Eles podem conter modificações a partir de cada figuração em que são atribuídas, porém nunca podem ser vistas como elementos isolados e de sentidos fechados. Suas transformações dependerão dos sentidos e das significações desejadas por aquele que as insere em sua obra, seja textual ou fílmica.

Na história de Ofelia, foi possível entender como os símbolos e os mitos do próprio *corpus* se relacionam e estabelecem entre si uma ligação que os torna desencadeadores de uma só voz, baseada na imaginação e na fantasia com a realidade sempre presente. Conseguiu-se observar como cada símbolo surge na vida da protagonista Ofelia e lhe influencia nas suas decisões direta ou indiretamente na busca por sua identidade e como eles são regidos por um ser mitológico e mítico, que é o fauno.

Referências

- BIEDERMANN, H. **Dicionário ilustrado de símbolos**. São Paulo: Melhoramentos, 1994.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 18. ed. Ver. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- CIRLOT, J. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Moraes, 1984.
- ELIADE, M. **Imagens e símbolos**: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- _____. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GUSDORF, G. **Mito e metafísica**. São Paulo: Editora Convívio, 1980.
- JUNG, C. G. (org.). **O homem e os seus símbolos**. Trad. Maria Lúcia Pinto. 6ª.ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1993.
- KAST, V. **A Dinâmica dos símbolos**: fundamentos da psicoterapia junguiana. São Paulo: Loyola, 1997.

R. de F. Faqueri

A busca da identidade por Ofelia em *o Labirinto do fauno* (2006): uma jornada mítico-simbólica

O LABIRINTO do Fauno. Título original: El Laberinto del Fauno. Direção de Guillermo Del Toro. Coprodução: Estudios Picasso, Tequila Gang e Esperanto FilmoJ, 2006. DVD, son, color, 118min.

PIMENTEL, V. Narrativas do além-real. Manaus: Valer, Governo do Estado do Amazonas, 2002.

Artigo recebido em:

Artigo aceito para publicar em: